

Na penúria da seca, sacrifício é tudo o que sobra

Alunos e merendeiras andam quilômetros levando água para manter as escolas abertas. Só em Alagoas, 40 já fecharam

Letícia Lins

Enviada especial

• SOLEDADE (PB). Enquanto computadores se firmam como importantes ferramentas de aprendizagem nas salas de aula das capitais, no sertão do Nordeste 16 mil escolas encontram-se sob ameaça de colapso porque não dispõem de água nem qualquer proteção contra a seca. Elas ainda funcionam na dependência do lombo de jumento, do carro de boi, da velha lata d'água na cabeça e da luz de candeeiro. E só não fecham as portas devido a um silencioso exército de voluntários, que trabalha no anonimato da caatinga para evitar que essas escolas parem de funcionar porque as torneiras estão secas.

Os números são de estarrecer. Só em Alagoas, 40 já não funcionam mais, devido à estiagem. Não há água para higiene, para a merenda dos alunos ou para matar a sede. Um levantamento que começa a ser feito pela União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (Undime) indica situações preocupantes. Em Pernambuco, a pesquisa até agora limitada a 47 municípios, mostrou que, de 1.577 escolas, 1.270 estão sem água e 21 já fecharam. Só no município sertanejo de Flores, 14 colégios fecharam as portas. Segundo a secretária municipal de Educação, Lídia Francelino da Silva, a seca tem retirado as crianças da sala de aula da área rural:

— Muitas caminham até sete quilômetros para chegar ao colégio. Com fome ninguém agüenta cobrir uma distância dessas a pé. Aqui tem escola sendo abastecida com carro do Sertão do Pajeú, a 394 quilômetros de Recife.

Segundo a educadora Mirtes Cordeiro, do Unicef, a situação também é dramática no agreste de Pernambuco. Ela visitou grupos escolares na cidade de Passira, onde a merenda se limita a bolachas e biscoitos porque não há água para preparar refeições.

Devido ao êxodo, escola que fecha raramente reabre

Em Juazeiro, no sertão da Bahia, o êxodo também vem reduzindo o número de escolas. Segundo a secretária de Educação do município, Estelita Dias de Souza Silva, 35 já fecharam nos distritos rurais.

— Só no distrito de Juremal 18 escolas foram fechadas — diz.

Em Curaçá, também no sertão baiano, oito escolas fecharam.

Segundo Cícera Pinheiro, secretária de Educação de Arapiraca e presidente da seccional alagoana da Undime, as 40 escolas fechadas no sertão de Alagoas não têm mais chance de reabrir. Ela explicou que o êxodo é tão grande que não há quantidade suficiente de alunos que justifique seu funcionamento.

Em Soledade, a 185 quilômetros de João Pessoa, oito escolas

pararam de funcionar e seus alunos foram incorporados por grupos municipais maiores. Entre as causas apontadas encontra-se a dificuldade de abastecimento de água, segundo a secretária de Educação Fátima Arruda.

Problemas como esses poderiam ser ainda mais graves, com um número maior de escolas fechadas, se não fosse um exército de voluntários. Em Soledade, tido como o município mais seco do país — não chove há dois anos — é o pequeno Diego de Souza Araújo, de 12 anos, morador do Sítio Arruda, quem garante o transporte de água para a Escola João Paulo, que tem 52 alunos. Ele vai à cisterna, enche barricas de plástico e leva a água, puxada em carro de boi. O percurso é feito duas vezes por semana, o que dá um total de dez quilômetros rodados em busca do líquido precioso e raro no sertão.

Prefeito diz ser inviável manter escolas abastecidas

Mas o esforço de Diego é maior do que isso. Para fazer o transporte, ele precisa arranjar emprestados um boi e uma carroça. Recorre ao tio Paulo Afonso Marinho, de 42 anos, um agricultor que há 24 meses não colhe milho, feijão nem mandioca.

— Meu pai tem 78 anos e diz que nunca viu uma seca como esta. Numa situação assim todo mundo tem que se juntar — diz o agricultor, que não tem filhos e cede o boi por amor ao estudo, ao qual não teve acesso quando criança.

— A água aqui viaja até 170 quilômetros para chegar às áreas rurais. Seria inviável manter as escolas abastecidas sem a ajuda da população — diz o prefeito de Soledade, Fernando Araújo Filho (PMDB).

Em Monteiro, a 300 quilômetros de João Pessoa, as 88 escolas rurais foram reduzidas a 54. Mas segundo o secretário de Educação, Romualdo Mayer, nenhuma criança ficou fora da sala de aula. Pelo contrário: o número até aumentou, de 2.401 para 2.901. Parte desse resultado pode ser atribuído a duas merendeiras, Fátima Rufino e Verônica do Nascimento, que andam até sete quilômetros para buscar água num açude.

— Tem dia que trago a água na cabeça. Às vezes um vizinho empresta um jumento e aí eu carrego mais — diz Fátima.

Na Escola Maria das Graças, no Sítio Mulungu, a professora Andréa Karla Alves se vira para ensinar aos alunos de 7 a 17 anos, todos numa mesma classe. Ela se queixa de que as crianças têm faltado muito porque às vezes perdem quase um dia inteiro procurando água e ração para os jumentos. A escola fica a pelo menos dez quilômetros da casa da professora. Três alunos se revezam para levá-la no bagageiro de suas bicicletas. ■



EM SOLEDADE, o agricultor Paulo empresta boi e carroça para o sobrinho Diego, de 12 anos, buscar água na cisterna e abastecer a escola, que tem 52 alunos

Josenildo Tenório